

Jedrt
Lapuh Maležič
Michael Jackson
só gostava
de crianças

Traduzido por
Nika Vremšak com colaboração de Américo Meira

Jedrt Lapuh Maležič: Michael Jackson só gostava de crianças
Original title: Michael Jackson je imel samo rad otroke/Težkomentalci

© LUD Literatura, 2016

Translation

Nika Vremšak, Américo Meira

Proofreading

Mateja Rozman

Design

Jakob Bekš for Studio Signum d. o. o.

Layout

Ulčakar grafika d. o. o.

Foreign rights

LUD Literatura Publishing, ludliteratura@yahoo.com, info@ludliteratura.si

Published by Slovene Writers' Association, Ljubljana
Dušan Merc, President

Ljubljana 2021

<https://litteraeslovenicae.si/>

Michael Jackson só gostava de crianças

Fugazi a tocar no meu leitor de MP3, enquanto na varanda decorre um debate sobre o Michael Jackson e tudo o mais. Sancho diz que para ele o Michael Jackson simplesmente gosta muito de crianças. Diz também que *zyprexa* é um comprimido mágico e que nunca o fará ficar irreconhecivelmente gordo, porque ele faz exercício constantemente. *Sitting in a waiting room ... Sentada na sala de espera, espero, espero, espero, espero.* Para provar a sua destreza, Sancho lança-se de cara para o chão à minha frente e começa a fazer cem flexões, com todo o vigor.

Sancho nunca ouviu falar de Dom Quixote, nem este dele. Na verdade o nome dele é Samir e os pais eram Samir e Samira. Diz que não tinham imaginação nenhuma. Sancho é novo aqui, mas pouco dias depois da sua chegada já se tinha tornado o líder da ala. Quase todos têm medo dele e ele é forte o suficiente para subjugar aqueles que não têm. Respeita os idosos, diz ele. Respeita toda a gente, não importa onde ou quando, porque só assim se ganha respeito. Contou-nos isto cinco minutos depois de ser trazido cá para cima de pijama. Hoje, ao passar as mãos com água pelo cabelo para o puxar para trás como um gangster, reparei que, na base da nuca onde o cabelo está rapado, tem tatuado um símbolo ou palavras árabes. Hafis, diz ele, um poeta sufi. No entanto, não sabe o significado do verso nem lhe interessa, diz ele. Aparentemente é do Afeganistão, e ninguém sabe quantas pessoas terá matado ao serviço do seu país. Provavelmente ninguém.

Escorre suor pela cara de Sancho. *Espero, espero, espero, espero.* Ele diz que o suor arrefece o corpo, quando está chateado e irrequieto. Pergunto-lhe se se sente chateado e irrequieto entre nós neste

momento, mas apenas abana a cabeça nervosamente e diz que temos de distinguir entre suor por razões físicas e razões mentais. Michael Jackson suava constantemente enquanto dançava, diz ele, mesmo assim, arrasava com a competição e não há sinais de que a fama lhe tenha subido à cabeça. Com esta afirmação, engasgo-me com o café que estava a beber de um trago, mas tenho a impressão de que é melhor não contradizer a autoridade dele nem envergonhá-lo, porque de facto não sabemos quantas pessoas terá matado.

Chegou a minha vez de falar com o psico¹. *Sentada na sala de espera, espero, espero, espero, espero, espero*, que ele comece a perguntar. Despedem-se os Fugazi, porque ele por fim me dá sinal para acabar com a festa privada pelos meus auscultadores. Ultimamente o meu mundo tem-se revolvido cada vez mais em torno das pessoas dentro do hospital e só com dificuldade consigo pensar na minha família fora destas paredes, quando o médico me faz perguntas. Distraio-me com facilidade aqui dentro, no meio dos caídos, comecei a amar o seu suor e as suas lágrimas. Sancho diz que no exército acontece o mesmo. Esqueces-te de lugares e sítios para lá daquelas muralhas, começas a ficar enredado no drama lá dentro. Eventualmente, no meu modo de ver as coisas, praticas neste pequeno mundo a realidade suficientemente bem para poderes agir com um padrão semelhante, mesmo depois de regressares a casa.

Portanto, parece que o psico não está satisfeito com o meu progresso. Ao longo do interrogatório sobre a minha situação familiar, respondo-lhe sempre com exemplos concretos da varanda do hospital. Falo o tempo todo apenas de Sancho, comenta o psico. Estou ciente de que ele tem a sua história e eu tenho a minha, completamente diferente? Sim, sim, mas as histórias são contagiantes, digo eu. O que quero dizer? Não sei. Fico em silêncio. Sinto-me como se tivesse apanhado alguma coisa contagiosa, e

¹ NDT: No texto original esloveno é utilizada a palavra «psihič», jargão proveniente do inglês (psycho).

dá-me a impressão de que tenho de desaparecer daqui rapidamente. E se lhe confiasse que Sancho está envolvido num processo criminal? Isto elucidá-me. Afinal ele matou algumas pessoas lá em baixo, digo eu. Não, não, não. Digamos apenas que preciso de cuidar das minhas coisas, admoesta-me o médico. Então, ele roubou. Nada de grave, penso eu, de qualquer das maneiras não trouxe nada de valioso comigo, só alguns trapos velhos e alguns diários com canetas.

Quando volto a colocar os auscultadores, salto para o princípio da canção e *espero, espero espero, espero* que se torne claro que vírus está a passar pelo meu cérebro, para me sentir mais em casa aqui do que no meu próprio quarto. Não vou em direção à varanda porque Sancho faz muito barulho ao gabar-se das suas flexões enquanto espera pela sua vez. Em vez disso, penso em como gostaria de lhe dar alguma coisa para que ele não precise de roubar. Mas não tenho nada aqui comigo. Talvez no carro, que ainda está parado no parque de estacionamento aqui perto. Vale a pena verificar. Não devo cair na tentação de conduzir, só isso.

Então saio de trás das muralhas, e a canção muda no momento em que a porta automática se abre. Volto a pôr a canção do início, ainda não me fartei dela, como se estivesse à espera de ser surpreendida. No carro, fico a olhar fixamente pela janela por um tempo, até que me surge uma ideia. Na bagageira do carro trago a minha coleção de cassetes áudio, que tem vindo a diminuir ao longo dos anos e para a qual já não tenho o gravador adequado. Enchem algumas caixas, e entre elas há algumas pedras preciosas de que tenho um pouco de vergonha, como o álbum *Bad* de Michael Jackson. Vou dá-las ao Sancho de presente.

Carregada de preciosidades, subo no elevador até à ala, que está num pandemónio. O médico está de pé no corredor em frente do consultório e as enfermeiras dançam à sua volta, de mãos na cabeça. Mal consigo ver por cima das caixas, por isso não faço ideia do que se está a passar. Quando as pouso, vejo Sancho ao fundo

do corredor a afastar-se em direção do seu quarto ao virar da esquina e sei que ele cozinhou alguma coisa. Pergunto à primeira enfermeira que vejo o que se está a passar e ela apenas diz: «Ele foi expulso da ala. Roubou um carro do parque de estacionamento». Não, não, isso não pode ser verdade, penso eu, e corro atrás de Sancho, que já se encontra à entrada do seu quarto. Cheguei agora do parque de estacionamento e não vi lá ninguém. Ou houve algum engano, ou alguém já não o atura. «Mas tu estavas na varanda o tempo todo, eu dou a minha palavra por ti», gaguejo atrás dele. Sancho acena com a cabeça, enquanto eu ouço o médico nas minhas costas: «Ele sabe exactamente porquê e como. Zero tolerância para com os criminosos! Não vai funcionar aqui.»

Seguro Sancho pelo ombro e digo-lhe: «Não te defendes ao menos? Fica e luta, tu sabes como.» Ele diz que não vale a pena e que o psico já decidiu, porque é sempre assim, quem se fode sempre são os mais pobres. Depois dirige-se para a sua maca e começa a encher sacos de lixo de polietileno de coisas. Surge-me num instante a ideia do que lhe posso dar. Corro para o meu quarto, que é em frente do dele, do lado das mulheres e encontro o album *Bad*. Irá protegê-lo dos verdadeiros criminosos, porque Sancho não tem casa, mas tem um traficante que já o ameaçou de morte porque ele não pagou pelo cavalo que consumiu.

Reapareço à porta do quarto de Sancho e estendo-lhe a cassete de Michael Jackson. Para que ele se lembre que, assim como Michael Jackson só gosta de crianças, também ele só gosta muito de carros. Para que ele saiba que não é culpado por ser acusado de roubo, e se lembre de que até mesmo as pessoas boas por vezes fazem coisas que vão contra a lógica. Para que a cassete o relembre de que é sempre possível fazer o caminho de volta. Ele tem lágrimas nos olhos quando me agradece de forma máscula e batemos as mãos como dois sócios do Fužine. Passado só um minuto, ele vem ao lado das mulheres para me perguntar se tenho a certeza de que lhe quero dar a cassete. «É realmente minha?» pergunta. «É toda tua, mas não vale muito», encolho os ombros. Não é bem um presente

na sua moeda, uma vez que não pode fumá-lo nem sugá-lo para as veias. Sancho não diz mais nada e desaparece no seu quarto para fazer as malas.

Um pouco mais tarde, recebo um embrulho muito pequeno do auxiliar da ala. Foi supostamente enviado por um “amigo”. No interior, ligeiramente entortado e ligeiramente ensanguentado, está um *piercing* de umbigo, mas eu não tenho buraco para ele. Ao início tenho medo, porque sem sombra de dúvida é roubado, talvez até arrancado do umbigo de uma miúda local e para além disso, temo que ele tenha magoado alguém por causa do *piercing*, porque não sabe controlar a sua própria força. Mas o auxiliar da ala diz-me apenas: «Não penses demasiado, aceita-o e diz-me para lhe agradecer.» Certo, para lhe agradecer, penso eu, e ponho o *piercing* no bolso, porque estão a chamar-me para o consultório.

Pela segunda vez hoje, o psico gostaria de falar comigo, para me “explicar” umas coisinhas. Chegamos logo a um impasse assim que ele menciona Sancho. É importante para mim que se encontre o verdadeiro culpado, porque penso que é uma sensação horrível, querer ir para casa depois de um tratamento aqui e um porco incrivelmente pérfido ter levado o seu meio de transporte. Isto dito, sei que não poderia ter sido Sancho o culpado. Tive-o debaixo de olho o tempo todo, excepto quando fui rapidamente ao carro, e mesmo que ele tivesse ido a qualquer lado durante esse tempo, eu teria sido a primeira a apanhá-lo, explicava eu.

E se estivesse um pouco mais preocupada com a *tua*, e acena para mim com a cabeça, a tua própria vida? Não respondo. Neste momento é da maior importância para mim que não seja enviado um inocente para a prisão. Não era ele próprio que estava a roubar, se quer saber, ele limitou-se a informar os amigos de que o carro não se encontrava trancado, diz o parolo do outro lado da mesa. Aposto que a mãezinha lhe cozinha almoços aos domingos e mostra-o orgulhosamente às amigas. Mas acima de tudo, não é ele que a sustenta, ao contrário de Sancho. É impossível, afirmo sobriamente, que ele tenha saído da varanda enquanto eu estive

fora. Estas pessoas fazem todo o tipo de manobras de que ainda não tem conhecimento. O médico divide as pessoas entre *estas pessoas* e nós, concluo, e isto dá-me tanto nojo que me levanto imediatamente e bato com a porta atrás de mim e em frente do consultório, com toda a indiscrição, berro: «Nojento!»

Sancho, agora definitivamente de saída, que não está preparado para se defender e que não sabe o que a sua própria tatuagem significa, olha maravilhado para mim no corredor e pergunta-me que caralho da puta que o pariu se passa comigo. Porque não é inteiramente da sua conta, mas sim entre mim e o médico, murmuro só que o psico chamou pedófilo ao Michael Jackson, ao que Sancho encolhe os ombros com indiferença.

Isto aparentemente nem sequer é remotamente relevante para ele, apesar de ter passado meia hora esta manhã a discursar sobre a inocência do rei do pop. Na verdade, tenho a impressão de que sou a única nas redondezas que não é indiferente ao Michael ou ao dono do carro roubado. Em protesto geral e porque não faço ideia que merda deu ao Michael Jackson que o fez perder o juízo, agarro no *piercing* de umbigo que trago no meu bolso e atiro-o com todas as minhas forças para dentro do cesto da roupa suja, porque hoje é o dia em que pomos os pijamas a lavar. Espero que lhes estrague as calças dos pijamas, assim vamos todos ficar como *estas pessoas*. Entro no quarto porque ia colocar os meus auscultadores com Fugazi e esperar por algo decisivo enquanto fumava na varanda e observava o desenrolar da tarde monótona. Vejo dentro da mochila. Procuro no guarda-roupa. Procuro em todos os bolsos e não os encontro. Talvez me tenha esquecido dos auscultadores no consultório do psiquiatra.

Bato à porta, mas mesmo enquanto estou a bater ocorre-me qual é para mim o bem mais valioso e que provavelmente já se foi embora, juntamente com os mais pobres; mudo de ideias e nesse momento o médico abre a porta para me perguntar o que é, digo apenas que gostaria de pedir desculpa pelo meu comportamento

anterior e que talvez já esteja preparada para finalmente começar a minha terapia.

Assim que ele me dá palmadinhas nas costas de forma aprovadora, lamento logo a minha humildade. Encontro-me do lado dos privilegiados, que não se importam que algumas outras pessoas com um nó na garganta se acotovelem para chegar aos traficantes, aos cobradores de dívidas e aos credores. E com repugnância de mim mesma, sinto finalmente alívio. Sento-me na cadeira azul e espero que a alegria do médico acabe por diminuir, porque não gosto de ser uma boa menina. Estamos suspensos no ar. Por um momento. Depois começo: «Separei a minha família, com as minhas próprias mãos.»

O doutor reprime um sorriso e ouve.

This collection has been published continuously
since May 1963
(between 1963 and 1990, under the title of *Le Livre Slovène*;
since 1991, under the title of *Litteræ Slovenicæ*).

Contact of the publisher

Slovene Writers' Association (DSP)

Tomšičeva 12, SI-1000 Ljubljana

Phone: +386 1 251 41 44

Email: dsp@drustvo-dsp.si

Website: <https://litteraeslovenicae.si/>



**SLOVENIAN
BOOK
AGENCY**

This book was published with the financial support
of the Slovenian Book Agency.



Co-funded by the
Creative Europe Programme
of the European Union

This project has been funded with support
from the European Commission.

This publication reflects the views only of the author,
and the Commission cannot be held responsible for any use
which may be made of the information contained therein.

Without written permission of the publisher any form
of reproduction or other use, in full or in part,
of this copyrighted work, including photocopying, printing,
or storage in electronic form, is strictly prohibited.



<https://litteraeslovenicae.si/>